

IX MESA REDONDA INTERNACIONAL DE LUSITANIA

LUSITANIA

DEL PASADO AL PRESENTE
DE LA INVESTIGACIÓN

ROMANA

T. Nogales Basarrate (Ed.)

EDITORA
Trinidad Nogales Basarrate

COORDINACIÓN EDITORIAL
María José Pérez del Castillo

EDITA
© Museo Nacional de Arte Romano
Mérida, 2017

ISBN
978-84-697-3165-9

Depósito Legal
BA-679-2017

Maquetación e impresión
Artes Gráficas Rejas (Mérida)

Diseño de portada
Enrique Bordes

*El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores



Actividad subvencionada por el Ministerio de Economía, Industria y Competitividad en el marco del Proyecto I+D "Augusta Emerita y los Inicios de la Provincia Romana de Lusitania en Época de Augusto" (HAR2014-52958-P).

28 anos de estudos sobre religião na Lusitânia romana

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Universidade de Coimbra

In memoriam:
João Luís I. Vaz
J. M. Blázquez Martínez
Silvio Panciera

Abstract

Many analyses were proposed about religion and really concretized in this quarter of century, since the first round-table about Roman Lusitania, in 1978 at Bordeaux, till our days. Original ideas were presented and also – perhaps it this the most important factor of the knowledge's renewal – more divinities' names were known.

In this paper we try to show those enormous advancements about the so named classic divinities, oriental and indigenous divinities. We think that the geographic distribution of the cults had not changed: the classic divinities and the oriental divinities (strongly attached to the economic interests of their 'brothers') were obviously more present in the cities, and the indigenous divinities had the rural people's preferences.

Nevertheless, four important epigraphic monuments were recently discovered. Their texts gave us the opportunity to know better how the pre-roman peoples were organized and what was, in reality, his religious mentality in comparison with the urban cults, where the politic influences are more evident.

Tenho divulgado assiduamente pelos colegas, de há uns anos a esta parte, publicações sobre História Antiga. Centenas, largas centenas! Publica-se muito! Publica-se muito, mas lê-se muito pouco! E discute-se ainda menos!

É absurdo o actual sistema universitário e científico e têm de ser os universitários no activo a rebelar-se contra ele, contra a política dos *referees* e outras estranhas exigências que potentados alheios à Europa nos querem impingir! Indignação precisa-se!

E exemplifico: acabo de ler um livro sobre os deuses salutíferos, com Esculápio à cabeça (Rigato, 2013). À Península Ibérica são aí dedicadas 3 páginas (139-141) em 150. Dá-se relevo à Cueva Negra, apesar de se lhe reconhecer o carácter de «probable santuário consacrato alle Ninfe» (p. 139). Refere-se o *asklepeion* de Ampúrias; alude-se a Merobriga, «località rinomata per le sue acque termali» e cita-se o médico referido em CIL II 21; conta-se que, na Fonte do Ídolo, em *Bracara Augusta*, foi encontrada uma «statuetta bronzea di Esculapio con iscrizione, offerta in un suggestivo santuario rupestre legato al culto di acque salutari» (p. 141).

Ora,

1 – Como Santiago Montero (2001: 174) bem demonstrou, Cueva Negra é uma mescla de cultos: «la Cueva de Fortuna es, a mi modo de ver, un magnífico exponente de la mezcla de cultos e ideas religiosas del Imperio romano del siglo II». E a autora reconhece, aliás, que a Cueva Negra «si rivela un pregnante esempio» di un «*mélange* de culti» (p. 139).

2 – Em Miróbriga (Santiago do Cacém), não há termas medicinais e CIL II 21 (IRCP 144) já foi alvo, desde Hübner, de muitos estudos. Aliás, o que se pensava ser uma placa acabou por se verificar ser volumoso altar! (Encarnação, 1993: 316, Fig. 1).

3 – Na Fonte do Ídolo,¹ o baixo-relevo esculpido na rocha representa não Esculápio, mas uma divindade indígena, *Tongoenabiagoi!*

Demasiadas distrações em tão poucas linhas!

E disso importa, a meu ver, tomar consciência.

Propus-me traçar uma panorâmica do que foram os estudos sobre as manifestações religiosas na Lusitânia ocidental nestes últimos 28 anos. Constitui para mim uma honra e uma responsabilidade ser dos presentes um dos poucos que participaram na 1ª mesa-redonda sobre a Lusitânia, em Talence, onde falei precisamente sobre religião e cultura (Encarnação, 1990).

É a proposta uma tarefa logicamente impossível, eminentemente subjectiva na sua concretização e, como tal, fica sujeita a todas as críticas. Assim, permita-se-me que comece por cometer um erro flagrante, ao propor uma sistematização totalmente convencional:

¹ Cfr. Garrido *et alii*, 2008.



Fig. 1. O grande altar a Esculápio, de Miróbriga.

- Divindades clássicas;
- Divindades orientais;
- Divindades indígenas.

Repito: é meramente convencional e seria ofensivo acrescentar que só serve agora *ad usum Delphini*, ainda que tenha plena consciência de que é essa a intenção. Excluo, naturalmente, o chamado «culto ao imperador», porque, mal-grado o seu inegável carácter religioso, envolve-o uma vertente política dominante. Excluo também as manifestações religiosas ligadas às práticas funerárias, ainda que, por vezes, aí se revelem devoções, como no caso das epígrafes *in honorem*, que, a maior parte das vezes, nada mais são do que pretextos para se poder apresentar a epígrafe em lugar público. Recordo dois casos: um, das termas de S. Pedro do Sul, em que os pais de *Magius Saturninus* consagram uma epígrafe *Mercurio Augustorum Aquaeco* (Brandão, 1959: 234-244); o outro, mais conhecido, de *Pax Iulia*, em que *Stelina Prisca* oferece *Serapi Pantheo* um bem notável monumento *in honorem* do filho, *Gaius Marius Priscianus* (IRCP 231).

Foram temáticas as mesas-redondas sobre a Lusitânia. Apenas a que programei para Cascais, em 2004, versou expressamente a religião e os mitos,² numa altura em que o estudo da religião e, sobretudo, o das divindades indígenas – tema sempre abordado nos regulares colóquios sobre línguas e culturas paleo-hispânicas (acaba de se realizar o XII em Giessen, na Alemanha) – ganhava novo impulso com um outro projecto, o FERCAN – *Fontes Epigraphici Religionum Celticarum Antiquarum*, de que organizámos, em Maio de 2006, também em Cascais, o *VII Workshop*, a que dei o título *Divindades Indígenas – Balanço e Perspectivas de uma Investigação*.

² VI Mesa-Redonda sobre a Lusitânia Romana, subordinada ao tema *A Lusitânia entre o mito e a realidade*, Cascais (04-06.11.2004).

O tema da religião – ia a dizer: «mais do que qualquer outro»! – esteve sempre na ordem do dia nos últimos anos e não é admirar, portanto, que o Museu Nacional de Arqueologia haja preparado, em 2002, a monumental exposição *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, que, prevista para ser temporária, está a transformar-se quase em permanente, tal o êxito obtido. O catálogo da exposição (Ribeiro, 2002; Fig. 2) – tal como viria a acontecer com o da que ora celebramos – teve a colaboração dos especialistas nos mais variados temas e seria, por isso, pretensiosismo da minha parte repetir o que então se escreveu e que ainda hoje mantém actualidade. Limitar-me-ei, pois, a sublinhar os resultados que as reflexões mais recentes deram a conhecer.

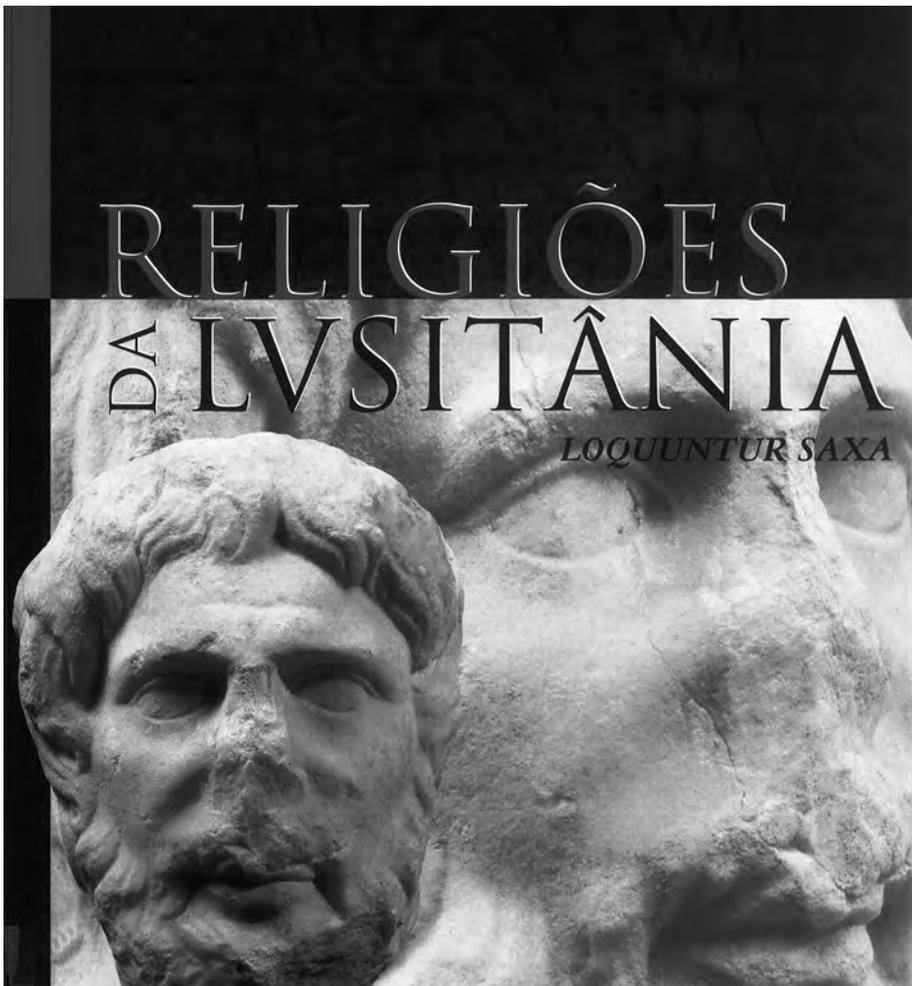


Fig. 2. Capa do catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia*.

Divindades clássicas

A hipótese de que a presença de testemunhos do culto a I. O. M. não coincidia geograficamente com manifestações de preito ao imperador foi já posta de parte, atendendo também aos diferentes níveis em que nos situamos, independentemente de diferenças cronológicas. Em *Salacia*, por exemplo, a *flaminica Flavia Rufina* manda fazer pedestal a I. O. M. (IRCP 183) e, antes dela, o indígena *Vicanus* diligenciara na construção de um templo a Augusto, estando mui expressamente sublinhado no texto da epígrafe o nimbo divino imperial (IRCP 184). E se, em Almofala, a *civitas Cobelcorum* ergue altar fundacional a I. O. M. (Frade, 1998), em Viseu, o representante da comunidade – que será, depois, florescente *civitas* (não se duvida) – prefere erguê-lo à divindade dos seus antepassados, a que acrescenta, todavia, como epíteto, um nome formado a partir do do novo aglomerado populacional criado: *Vissaeigo* (Fernandes, Carvalho e Figueira, 2009).

Mais inscrições a I. O. M. se encontraram nestes 28 anos e a sua quase totalidade, na verdade, em ambiente não-urbano. E a Júpiter com epítetos que até denunciam certa cultura, como é o caso do altar de Orjais, em que a divindade vem designada *Supremus Summus*, termos hauridos em textos literários e aqui patente em território não-urbano, sendo a dedicante indígena: *Dobiteina* (Encarnação e Geraldès, 1982 – Fig. 3).

Afigura-se-me – e é uma reflexão que ponho à consideração de todos – que, em ambiente rural (digamos assim), a população tem a noção clara de que a divindade é eterna e o imperador efémero. Assim, entre mandar lavrar dedicatória a uma ou a outro, prefere o que perdura!... E não serão também prova disso os milhares de lucernas do depósito votivo de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde, Alentejo), descoberto em 1994 (Maia, 1997), dedicadas, a título pessoal, a divindades... «clássicas»? Será esse, porventura, um ambiente semi-urbano, porque Vénus, Mercúrio, Minerva, Marte, Juno (mormente na sua concepção de génio feminino) – com ou sem epíteto tópico – continuam a ser,



Fig. 3. A ara de Orjais dedicada *Iovi Supremo Summo*.

entre outros, prioritariamente venerados em meios urbanos, nem sempre resistindo à tentação de receberem uma conotação imperial mediante a adjunção de *Augustus*, mais por intenção política dos dedicantes do que em resultado de uma devoção sincera.

As divindades protectoras – pelas suas características – repartem-se obviamente por todo o território, porquanto todas a elas recorrem a pedir protecção: os *Lares*, os *Genii*, os *Numina*... encontram-se nessa condição.

E que me seja permitido abrir aqui um parêntesis sobre uma questão metodológica: criticou-se José María Blázquez (que chegou a escrever um *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Madrid, 1975, precisamente no ano em que se publicaram as DIP) e, de certo modo, também eu próprio fui alvo dessa crítica, por havermos adoptado, para organizar as divindades em livro, uma concepção «dicionarística», palavra a que se deu de imediato uma conotação pejorativa, porquanto estava em moda, na altura, e era bem acarinhada, a concepção funcional tripartida das divindades defendida por Georges Dumézil (1958). Confesso-me mais ‘dicionarista’ que ‘duméziliano’, porque, mesmo que se acredite que só se invoca Santa Bárbara quando troveja e se façam promessas a Santo António quando há revezes de amor, eu tenho a certeza de que o verdadeiro devoto da santa a invoca sempre que está em dificuldades e que Santo António se não limita a sanar amorosas questões, como um *Genius Conimbrigae* (Étienne *et alii*, 1976: 24-25) tanto será invocado no fragor da tempestade atmosférica como na ameaça de iminente ‘tempestade’ amorosa!... Divindade é divindade para o bem e para o mal, para tudo. E se pedi desculpa por ter adoptado uma divisão tripartida – divindades clássicas, orientais e indígenas – não fui influenciado (juro!) pelo Sr. Georges Dumézil!...

Divindades orientais

Tomou Jaime Alvar a seu cargo continuar o que o livro, sempre clássico, de García y Bellido, *Les Religions Orientales dans l’Espagne romaine* (Leiden, 1967), nos ensinara. Aliás, está a ganhar força a ideia de que, por exemplo, os mitreus podem ter existido mesmo em *villae*, o que demonstraria que um culto teoricamente de cariz público, mas de características muito próprias, de rituais prévios, iniciáticos, se transferiu também para a esfera doméstica.

Serápis, Ísis, Mitra e, de modo particular, Cíbele, a *Mater Deorum*, fazem parte do quotidiano urbano da Lusitânia Ocidental. Em *Olisipo*, por exemplo, teve, a dado momento, homenagem oficial (CIL II 179), com as designações de *Idea* e *Phrygia*, sendo oficiante a *cernophora Flavia Tyche*...

Pax Iulia assume-se como um dos centros desses cultos, o que se compreende não apenas por ser capital de *conventus* mas também pelo seu enquadramento económico, do ponto de vista mineiro e agrícola, pólo de atracção de influentes famílias, cujos libertos naturalmente lhes geriam os negócios. Não é, pois, de admirar a referência ao *sodalitium Bracarorum* (IRCP 339) nem ao facto de dois irmãos se haverem submetido ao *cribolium* (IRCP 289 – Fig. 4), cerimónia iniciática também documentada em *Ossonoba* (IRCP 1), outra cidade cuja localização no litoral sul se prestou, obviamente, ao grande comércio entre o Norte de África e o Atlântico, como o revela, de resto, o mosaico do Oceano que – pela sua estética e imponência – deixa transparecer, obviamente, ressonâncias orientais (Lancha e Oliveira, 2013: 201-223).

Salacia – já referida – merece nova menção. Já se conhecia a dedicatória a *Isis Domina* mandada fazer por *Marcus Octavius Theophilus*, seguramente em seu nome e no de sua *patrona*, pois que a identifica por extenso: *Octavia Marcella Moderatilla* (IRCP 182); *Theophilus* enquadra-se nos nomes teofóricos, dada a sua etimologia de ampla conotação religiosa; e o facto de prestar culto a uma divindade egípcia, para mais qualificando-a de «senhora», faz-nos embrenhar num mundo de convergências culturais, bem acentuado pela descoberta, levada a efeito, em 1995, pelo saudoso João Carlos Lázaro Faria, de uma *tabella defixionis*, onde se invoca a Mãe dos Deuses e seu filho Átis, como Marco Simon (2004: 79-94) teve ensejo de sublinhar (cf. também Guerra, 2003 e Nascimento, 2010: 17-21).

Por conseguinte, uma Lusitânia, mesmo do ponto de vista religioso, ligada ao Oriente, mas que, durante largo tempo – ia a garantir, **durante todo o tempo** – da ocupação romana, não prescindiu dos seus cultos próprios.



Fig. 4. Altar de *Pax Iulia*, a documentar a cerimónia do *cribolium*.

Divindades indígenas

Não negarei que – pelas suas características (são nossas, assumem-se como próprias, vestem-se de diferentes epítetos intrigantes...) – as divindades indígenas se arvoram em tema deveras excitante e merecem, por isso, lugar à parte.

A primeira abordagem foi predominantemente **linguística**: que significavam estes estranhos nomes? Qual a sua etimologia? Daí a minha preocupação, pelos finais da década de 60, de voltar à pedra, a fim de verificar o mais exactamente possível como é que eles estavam grafados. A análise linguística é, na verdade, susceptível de trazer informações acerca do estrato linguístico próprio da população com que o teónimo pode relacionar-se. Creio, no entanto, que, por exemplo, uma estreita visão ‘celtista’, como se preconiza no projecto FERCAN, não tem razoabilidade, tantas são as influências e as circunstâncias que podem determinar a escrita de um nome, como tantas vezes tenho referido exemplificando com as variantes gráficas apresentadas, que resultam mais de uma deficiente compreensão do que de elaboradas teorias: *Trebaruna*, *Trebaronna*, *Triborunis*; *Enobolicus*, *Endovollicus*, *Endovellicus*...

Por conseguinte, uma análise estritamente **linguística** está hoje a ser complementada pela procura de **dados arqueológicos** que melhor esclareçam a idiosincrasia original. Carlos Fabião, Amílcar Guerra e Thomas Schattner empenharam-se em saber algo mais sobre o que se designou o «santuário» de Endovélico (2005; Guerra 2008); Schattner e Maria João Santos debruçaram-se sobre Cabeço das Fráguas (2008); e de ambas as intervenções os resultados foram publicados. Sobre Cabeço das Fráguas chegou a fazer-se, a 23.04.2010, a *Jornada Científica «Cabeço das Fráguas: O Santuário no Seu Contexto»*, organizada, no Museu da Guarda, pelo Instituto Arqueológico Alemão, o Museu da Guarda e o Centro de Estudos Ibéricos (Schattner e Santos, 2010). E até no Alto da Vigia (Colares), a equipa de José Cardim Ribeiro (Ribeiro, 2011) está a verificar que o apregoado «santuário ao Sol e à Lua» tem... surpresas a revelar!...

A epígrafe de Cabeço das Fráguas, em língua que – na sequência da proposta do saudoso Professor Tovar – continuamos a designar de «lusitana», documenta o sacrifício de animais a diversas divindades. O mesmo fenómeno se passou em Lamas de Moledo, assim como na (ainda) enigmática epígrafe achada no termo de Arronches (Alto Alentejo), que expusemos aquando do colóquio de Paleo-hispânicas de Lisboa (2008) e de que nos apressáramos a dar conhecimento poucos meses após o seu achamento (Encarnação *et alii*, 2008). Continuamos a considerar que documenta o sacrifício de animais, designadamente de dez ovelhas, a

divindades indígenas – *Banda, Reva, Munis, Broeneia...* – cujos nomes se fazem acompanhar de epítetos, um dos quais repetido com grafias diferentes (em dativo, *Haracui, Aharacui, Harase*), passível de relacionar-se com o topónimo actual, Arronches. Na segunda parte, os três dedicantes, que poderão identificar-se como criadores de ovelhas, suplicam às divindades que lhes aceitem os sacrifícios. Considera-se muito viável a hipótese de relacionar esta e as outras duas epígrafes citadas com as rotas da transumância, logo nos primórdios da dominação romana.³

Se, porém, este pode ser tido como um dos mais significativos achados, perdoar-me-ão se não deixar de considerar de somenos outros dois.

O primeiro, a que já aludi, o altar fundacional de Viseu, não apenas por nos dar – finalmente – a etimologia do actual topónimo (o epíteto *Vissaieigum* poderá ter sido formado a partir de *Vissaeum* > *Viseu*), mas por o dedicante, que actua seguramente em nome da comunidade, estar identificado mediante lídima onomástica latina: *Albinus Chaereae f(i)lius*. Finalmente, e este é o terceiro aspecto, por se confirmar, mais uma vez, a teoria que, na sequência das reflexões de Sabino Perea (1999), de certo modo corroboradas pela análise de Francisco Marco Simon (2002), eu tenho defendido: os deuses não têm sexo e, também aqui, não há que ver um par divino, mas uma divindade apenas, encarada no seu lado feminino e no seu lado masculino. Sobre a grafia e o significado do epíteto *Borigo* (relacionável, quiçá, com *Bormanicus*) ainda muito se discutirá. Atente-se, contudo, na sequência do que atrás se dizia, que *Deiba* e *Deibo* constituirão, sem dúvida, singular interpretação indígena dos nomes latinos *Deae* e *Deo*.

O segundo achado: Amílcar Guerra e eu (2009) tivemos ensejo de dar a conhecer, por especial deferência do prior local, de Alcains, o Cónego António Assunção, duas aras provenientes do mesmo local, que vieram confirmar o que de há muito se suspeitava: a relação íntima, no que às divindades indígenas dizia respeito, entre as comunidades que as veneravam e os nomes por que eram designadas. E, aqui, não havia, felizmente, qualquer dúvida de leitura⁴ nem de interpretação: a *gentilitas* de que *Polturus* foi o antepassado fundador recebeu dele o nome: *gentilitas Polturiciorum*; e a divindade sua protectora, *Asidia*, acolheu o epíteto de *Polturicea*.

Como conclusão, permita-se-me que reitere: no domínio das manifestações religiosas e, especificamente, no que às divindades indígenas

³ Sobre a inscrição de Arronches, cf. Prósper y Villar 2009; Ribeiro 2010 e 2016.

⁴ Apenas a deficiente limpeza da superfície epigrafada de uma das aras nos levou, porém, a um insuspeitado erro inicial de leitura, já corrigido.

diz respeito, o que há de mais aliciante é o que esse estudo nos reserva de intrigante e de misterioso. E quem há aí que resista ao mistério?... Por isso, aí estou!

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, D. 1959: “Inscrições romanas do *balneum* de Lafões”, *Beira Alta*, 18 (3-4): 229-264.
- CIL II = HÜBNER, E. 1869 e 1892: *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim.
- DIP = ENCARNÇÃO, J. D’, (1975): *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Lisboa. 2ª edição, Coimbra, 2015: http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades
- DUMÉZIL, G. 1958 : *L’Idéologie Tripartite des Indo-Européens*.
- ENCARNÇÃO, J. D’ 1990: “Religião e cultura na epigrafia de *Liberalitas Iulia* (Subsídios para o estudo)”, *Les Villes de Lusitanie Romaine*. Paris: 233-253.
- ENCARNÇÃO, J. D’ 1993: “Arqueologia e Epigrafia: uma complementaridade a potenciar”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33(1-2): 313-327. <http://hdl.handle.net/10316/28710>
- ENCARNÇÃO, J. D’ 2002: “O sexo dos deuses romanos”, *Scripta Antiqua*: 517-525. <http://hdl.handle.net/10316/26771>
- ENCARNÇÃO, J. D’ (coord.) 2008: *Divindades Indígenas em Análise (VII Workshop FERCAN)*, Coimbra/Porto.
- ENCARNÇÃO, J. D’, GERALDES, F. 1982: “Júpiter Supremo Sumo – uma inscrição inédita de Orjais (Covilhã)”, *Conimbriga*, 21: 135-142.
- ENCARNÇÃO, J. D’ *ET AL* 2008: “Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre)”, *Conimbriga*, 47: 85-102. <http://hdl.handle.net/10316/10754>
- ENCARNÇÃO, J. D’ *ET AL* (eds.) 2009: *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade* (Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana). Cascais.
- ÉTIENNE, R., FABRE, G., LÉVÊQUE, P. ET M. 1976: *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris.
- FERNANDES, L., CARVALHO, P., FIGUEIRA, N. 2009: “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *Palaeohispanica*, 9: 143-155.
- FRADE, H. 1998: “Ara a Júpiter da *civitas Cobelcorum*”, *Ficheiro Epigráfico*, 58: nº 266.
- GARRIDO, A., MAR, R., MARTINS, M. 2008: *A Fonte do Ídolo*. Braga.

- GUERRA, A. 2003: “Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6/2: 335-339.
- GUERRA, A. 2008: “La documentation épigraphique sur *Endouellicus* et les nouvelles recherches dans son sanctuaire à S. Miguel da Mota”, R. Haeussler e A. C. King (eds.), *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West, volume 2*. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series, 67: 159-167.
- GUERRA, A., SCHATTNER, T., FABIÃO, C. 2002: “As recentes descobertas em S. Miguel da Mota (Alandroal) nas imediações do santuário de Endovélico”, *Conimbriga*, 41: 295-297.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. D' 1984: *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra. 2ª edição: <http://hdl.handle.net/10316/578>
- LANCHA, J., OLIVEIRA, C. 2013: *Corpus des mosaïques romaines du Portugal — Algarve Este*. Faro.
- MAIA, M. 1997: *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde.
- MARCO SIMÓN, F. 2004: “Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Atis”, *MHNH (Revista Internacional de Investigación sobre Magia y Astrología Antiguas)*, 4: 79-94.
- MONTERO, S. 2001: “Integración y mezcla de cultos en el S. E. de la Península Ibérica: la Cueva Negra (Fortuna, Murcia)”, *Integrazione mescolanza rifiuto: incontri di popoli, lingue e culture in Europa dall'antichità all'umanesimo*. Roma: 169-184.
- NASCIMENTO, A. 2010: “*Legere, perlegere*: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento”, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, 8: 13-27.
- PEREA, S. 1999: *El Sexo Divino (Dioses hermafroditas, bisexuales y travestidos en la Antigüedad clásica)*. Madrid.
- PRÓSPER, B., VILLAR, F. 2009: “Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre”, *Emerita*, LXXVII 1: 1-32.
- RIBEIRO, J. (coord.) 2002: *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa.
- RIBEIRO, J. 2010: “Algumas considerações sobre a inscrição em “lusitano” descoberta em Arronches”, *Palaeohispanica*, 10: 41-62.
- RIBEIRO, J. 2011: “*Soli aeterno Lunae*. Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: um caso complexo de sincretismo?”, J. Ribeiro (coord.), *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia “Culto e Sociedade”*. Sintra: 595-624.
- RIBEIRO, J. 2016: “A inscrição lusitana de Arronches”, A. Carvalho e L. Coito (eds.), *Lusitânia Romana – Origem de Dois Povos*. Lisboa: 34-40.
- RIGATO, D. 2013: *Gli Dei che Guariscono: Asclepio e gli Altri*. Bologna.

- SANTOS, M., SCHATNER, T., PEREIRA, V. 2008: “Cabeço das Fráguas (Quinta de S. Domingos, Guarda) 2006: o contributo da primeira campanha de escavações”, *Praça Velha*, 24: 175-202.
- SCHATNER, T., GUERRA, A., FABIÃO, C. 2005: “La investigación del santuario de Endovélico en S. Miguel da Mota (Portugal)”, *Acta Palaeohispanica*, Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Barcelona, 20-24 de octubre de 2004). *Palaeohispanica*, 5: 893-908.
- SCHATNER, T., SANTOS, M. 2010: *Cabeço das Fráguas: O Santuário no Seu Contexto* (Actas da jornada realizada no Museu da Guarda a 23 de Abril de 2010), *Iberografias*, 6.



GOBIERNO
DE ESPAÑA



MINISTERIO
DE EDUCACIÓN, CULTURA
Y DEPORTE



MUSEO
NACIONAL
DE ARTE
ROMANO



MINISTERIO
DE ECONOMÍA, INDUSTRIA
Y COMPETITIVIDAD



FUNDACIÓN
DE
ESTUDIOS
ROMANOS



RED
LVSITANIA